



## O DIÁLOGO COMO CONSTRUTOR DE UMA SOCIEDADE MAIS AMOROSA E JUSTA OU UMA CARTA PARA BERGOGLIO

### DIALOGUE AS A BUILDER OF A MORE LOVING AND JUST SOCIETY OR A LETTER TO BERGOGLIO

MARIA ELISE RIVAS

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar algumas das principais propostas da Carta encíclica *Fratelli tutti* do santo padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social pela perspectiva da teologia afro-brasileira. Tal processo analítico ensejou a possibilidade de construir um texto em forma de carta, aos moldes do objeto analisado, onde me posiciono como mãe de santo das religiões afro-brasileiras.

**Palavras-chave:** amizade social, amor, candomblé, ética, política, teologia afro-brasileira.

**Abstract:** This article aims to analyze some of the main proposals of the encyclical letter “fratelli tutti” of the holy father Francis on fraternity and social friendship from the perspective of Afro-Brazilian theology. This analytical process led to the possibility of constructing a text in the form of a letter, along the lines of the object analyzed, where I position myself as “mãe de santo” of Afro-Brazilian religions.

**Keywords:** social friendship, love, candomblé, ethics, politics, Afro-Brazilian theology.

Este Santo do amor fraterno, da simplicidade e da alegria, que me inspirou a escrever a encíclica *Laudato si'*, volta a inspirar-me para dedicar esta nova encíclica à fraternidade e à amizade social. Com efeito, São Francisco, que se sentia irmão do sol, do mar e do vento, sentia-se ainda mais unido aos que eram da sua própria carne. Semeou paz por toda a parte e andou junto dos pobres, abandonados, doentes, descartados, dos últimos (BERGOGLIO, 2020, item 2).



Jorge Mario Bergoglio inspirado pelos ancestrais da tradição católica, mais especificamente Francisco, fez um exercício importante de reflexão sobre problemas que atingem toda a nossa sociedade. O sacerdote optou por fazer uma carta que é endereçada ao seu rebanho, como toda encíclica, mas o convite à amizade social é amplo e irrestrito. Não é por menos que opta pela parábola do bom samaritano ao justificar biblicamente seu intento.

A encíclica representa uma contribuição é inegável, considerando aos milhões de crentes da tradição católica, além de outras confissões que são simpatizantes a proposta do papa. A proposta de sua encíclica é de amizade, amor, fraternidade. Essas dimensões são fundamentais.

Diante de um mundo que vive tragédias de todos os tipos e formas, as palavras do Santo Padre chegam em um momento perfeito. Precisamos unir forças para erradicar as miserabilidades do mundo. Urge que isso seja feito e, mais uma vez, o Papa vai ao encontro desse propósito. Mais do que isso, cria caminhos de diálogo para que todos e todas, independentemente de etnia, raça, credo ou gênero, possam dar as mãos nessa luta. Isso é louvável e precisa ser celebrado. Creio que uma das formas de prestar essa homenagem é responder a ele de forma amorosa e fraterna.

Nunca imaginei responder ao papa por meio de uma carta, mas o tema e a urgência dele me estimularam a escrever as palavras que se seguem. Sendo assim, escrevo um texto em forma de carta também, apresentando a visão de uma pesquisadora de ciências da religião, teóloga, mulher, mas – acima de tudo – mãe de santo das religiões afro-brasileiras. Nessa minha escolha, opto por trazer trechos que julgo fundamentais na construção do diálogo. De alguma forma exercito o que proponho: uma construção dialogada, um texto a quatro mãos.

Seja a nomeação de pai aos sacerdotes católicos, seja a nomeação de mãe para as sacerdotisas afro-brasileiras, creio que esses termos têm um profundo significado. As palavras mãe, pai, filho ou filha, madrinha e padrinho para nomear os praticantes das religiões afro-brasileiras não são aleatórias. Têm sentido, história, memória e, portanto, poder. Traduzem o espírito de *egbé*,<sup>1</sup> a oportunidade de exercitar o amor em família. Uma família expandida que não está restrita aos laços consanguíneos, ainda que eles existam e sejam importantes. Estão em todos que participam da vida em comunidade, mas também nos “parentes” que são de outros *egbé*. Também estão presentes em todos os seres vivos, uma vez que acreditamos que todos são divinos, todos e todas são filhos ou filhas de Orixá. Mais uma vez, a filiação presente com o sentido de compor uma grande família espiritual.

.....

<sup>1</sup> Do iorubá, “comunidade”.



Como toda família, temos preocupações com todos os membros. Todos são importantes e existe uma forma de saber o quanto alguém está mais precisado ou não da ajuda do grupo. Trata-se de uma unidade de medida fundamental que pervade todas as realidades. Essa energia é o “axé” e dá sentido à vida, permite que o destino possa ser construído, é o grande combustível da homeostasia natural e sobrenatural. Quando o indivíduo possui abundância de axé, ele tem uma vida espiritual equilibrada, uma vida afetiva que gera felicidade, uma saúde abundante e nada lhe falta no aspecto material. O contrário também é verdadeiro. A falta de axé gera problemas em um ou mais desses quatro setores fundamentais do ser humano. Em síntese, existem 4 setores básicos da vida: espiritual, afetivo, material e relativo à saúde (RIVAS NETO, 2012).

É possível falar também de axé coletivo. Seja a coletividade, a nossa comunidade construída a partir do meu templo religioso, o terreiro, seja a comunidade planetária. Os doentes, os pobres, as periferias estão repletos dessas ausências de axé no âmbito social. Dentro da comunidade de santo, eu – como mãe de santo – administro esse axé, procurando atender a todos de forma biopsicossocial e magística. Isso está ao meu alcance, no que pese existir um processo de profunda interdependência de minha comunidade. Não basta eu querer. Além da minha sabedoria e possibilidade de aplicá-la, preciso conjugar com o arbítrio de cada filho ou filha de santo com a vontade do Orixá, que ouço por meio do jogo de búzios, mas também o irmão do sol, o mar e o vento ditos por você, Papa Francisco, bem como outros sinais da divindade.

Retomando à questão mais ampla, o Estado tem esse papel de mediar o axé da sociedade. Ao constatar que a sociedade produz miseráveis em escala que alimentam a riqueza de poucos, urge observar que estamos no caminho errado. A forma de resolver isso dentro de minha comunidade é aplicar mais axé nos filhos e filhas carenciados. A forma que o Papa identifica na ação de Francisco de Assis é análoga.

Não fazia guerra dialética impondo doutrinas, mas comunicava o amor de Deus; compreendera que “Deus é amor, e quem permanece no amor, permanece em Deus” (1 Jo 4,16). Assim foi pai fecundo que suscitou o sonho duma sociedade fraterna, pois “só o homem que aceita aproximar-se das outras pessoas com o seu próprio movimento, não para retê-las no que é seu, mas para ajudá-las a serem mais elas mesmas, é que se torna realmente pai”. [4] Naquele mundo cheio de torreões de vigia e muralhas defensivas, as cidades viviam guerras sangrentas entre famílias poderosas, ao mesmo tempo que cresciam as áreas miseráveis das periferias excluídas.



Lá, Francisco recebeu no seu íntimo a verdadeira paz, libertou-se de todo o desejo de domínio sobre os outros, fez-se um dos últimos e procurou viver em harmonia com todos. Foi ele que motivou estas páginas (BERGOGLIO, 2020, item 4).

A maior e melhor forma de produzir axé está no amor divino, o amor que emana do Orixá. Esse poderoso amor pode ser acessado pelos sentimentos humanos, por exemplo, entre mãe e filho ou mãe de santo e filho de santo, pelo contato com a natureza, pela magia ritual ou cerimonial, entre outras formas. Esse amor é universal, mas se expressa de forma particular. Nessa tensão de dois sistemas (geral e particular) em que a sabedoria ancestral africana se faz presente até os dias de hoje nas religiões afro-brasileiras.

Creio que esse mesmo princípio, obviamente a partir da temática católica, está presente na encíclica do papa que ora discutimos. Senão, vejamos:

As páginas seguintes não pretendem resumir a doutrina sobre o amor fraterno, mas detêm-se na sua dimensão universal, na sua abertura a todos. Entrego esta encíclica social como humilde contribuição para a reflexão, a fim de que, perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras. Embora a tenha escrito a partir das minhas convicções cristãs, que me animam e nutrem, procurei fazê-lo de tal maneira que a reflexão se abra ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade (BERGOGLIO, 2020, item 6).

E mais à frente:

A estatura espiritual duma vida humana é medida pelo amor, que constitui “o critério para a decisão definitiva sobre o valor ou a inutilidade duma vida humana”. [71] Todavia há crentes que pensam que a sua grandeza está na imposição das suas ideologias aos outros, ou na defesa violenta da verdade, ou em grandes demonstrações de força. Todos nós, crentes, devemos reconhecer isto: em primeiro lugar está o amor, o amor nunca deve ser colocado em risco, o maior perigo é não amar (cf. 1Cor13,1-13) (BERGOGLIO, 2020, item 92).

A partir dessa constatação, precisamos ir ao encontro da periferia gestada por esse mundo tão desigual e trazê-la para o centro do poder, compartilhando o mesmo e facilitando o acesso a condições mínimas de axé que podem ser percebidas como educação, saúde, cultura, lazer, emprego e renda. Assim como uma mãe zelosa percorre sua comunidade de terreiro para atender seus filhos carentes de axé de forma emergencial, a sociedade urge fazer esse movimento com as periferias globais e locais.



O axé, assim como o amor, é um princípio universal que se expressa de múltiplas formas. Uma unidade que se manifesta na diversidade, como diria meu velho e bom Babá<sup>2</sup> (RIVAS NETO, 2012). Mas não podemos confundir o axé como algo que queira tornar a sociedade homogênea. Temos em nosso panteão de deusas e deuses a representação máxima da diversidade. E isso não é condição natural da nossa religiosidade.

Até porque, quando se opta por algo padrão, parte-se do pressuposto que alguém definiu esse padrão. Se há quem defina, controle. Então poucos se tornam hegemônicos em um lugar homogêneo. Lutar por universalizar direitos não implica exigir que todos utilizem esses mesmos direitos. Uma questão é ter a possibilidade de fazer algo, outra bem diferente é impor que se faça algo. Em nossa visão religiosa, o destino tem uma pequena porção imutável, por exemplo, tudo que nasce morre, mas a sua maior parte é mutável e mais felizes seremos quando formos protagonistas de nossos destinos. Seja o destino pessoal, seja o povo a conduzir o destino de sua nação.

“Abrir-se ao mundo” é uma expressão de que, hoje, se apropriaram a economia e as finanças. Refere-se exclusivamente à abertura aos interesses estrangeiros ou à liberdade dos poderes econômicos para investir sem entraves nem complicações em todos os países. Os conflitos locais e o desinteresse pelo bem comum são instrumentalizados pela economia global para impor um modelo cultural único. Esta cultura unifica o mundo, mas divide as pessoas e as nações, porque “a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos”.<sup>[9]</sup> Encontramo-nos mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os interesses individuais e debilita a dimensão comunitária da existência. Em contrapartida, aumentam os mercados, onde as pessoas desempenham funções de consumidores ou de espectadores. O avanço deste globalismo favorece normalmente a identidade dos mais fortes que se protegem a si mesmos, mas procura dissolver as identidades das regiões mais frágeis e pobres, tornando-as mais vulneráveis e dependentes. Desta forma, a política torna-se cada vez mais frágil perante os poderes econômicos transnacionais que aplicam o lema “divide e reinarás” (BERGOGLIO, 2020, item 12).

Logo, o pedido de abertura para o mundo implica que ele está fechado. A aparente dicotomia se desfaz quando analisamos os fatos. O mundo está aberto para a manutenção desse *status quo*. Quanto mais aderente aos princípios vigentes, notadamente guiados pelo poder econômico, mais “abertura” você tem para ser aceito nele, desde que permaneça no lugar onde está e de onde nunca deverá sair. Se por acaso sair, para uma posição social melhor, deverá lutar para

.....  
<sup>2</sup> Nominção do sacerdote afro-brasileiro. No caso em particular, trata-se do meu pai de santo Francisco Rivas Neto – Babá Rivas Ty Ògiyàn.



manter esses privilégios. Algo que aprendemos nas cátedras brasileiras como lógica do opressor e oprimido (FREIRE, 2003). Algo que aprendi no terreiro como fazer mau destino, torná-lo imóvel diante da força do Orixá.

Ocorre que a manutenção das desigualdades tem sido a tônica para manter o privilégio das minorias que controlam a sociedade. Logo, propor e agir no mundo para equilibrar essa equação social é visto como revolucionário, errado, utópico. Incrivelmente, os mesmos adjetivos emprestados à sociedade leiga para Exu. Um Deus africano e afro-brasileiro que luta incansavelmente para distribuir axé, amor e felicidade para todos de forma indistinta.

O ofício de mãe de santo me tornou uma convicta na felicidade com um bem (uma benção) possível. Construir meios de viabilizar a realização espiritual e pessoal da sociedade planetária, do meu país, da minha comunidade de santo e, naturalmente, da minha individualidade. Justamente porque creio que é possível mudar a sociedade, porque consigo mudar a mim mesma. Consigo auxiliar na mudança dos meus filhos e filhas de santo, clientes e consulentes e esses transformam a comunidade. Bilhões de pessoas estão distantes para o nosso raio de ação, mas ao agir no meu meio chego indiretamente a todos esses seres. Assim como eles chegam até a mim de igual forma. Esse movimento tem efeito potencial. Acreditamos no poder divino por sua ação cotidiana, sua expressão única dada a cada ser vivente. Por este princípio exposto, sou uma sacerdotisa que estou lidando com a dor diariamente, afinal queremos transformar dor em amor, desigualdade em justiça, logo, sinto as mazelas do mundo de diferentes formas.

Nas nuances da dor, aprendi que essas desigualdades também têm recorte de gênero. Sou uma mãe de santo que encontra no candomblé uma tradição matriarcal. Nem por isso deixo de sofrer os dramas da misoginia, assim como minhas pares. Se isso ocorre por dentro de uma religião que admite o poder religioso na mão de uma mulher, que possui deusas como Iemanjá, Oxum, Oiá, Obá, Ieuá e Naná, muitos e muitas podem imaginar o que ocorre em espaços religiosos onde a mulher não pode assumir esses votos, pior ainda em sociedades arraigadas no machismo, como é o caso do Brasil, onde é gritante a constatação de violência contra a mulher, levando em consideração os inúmeros óbitos, estupros e abortos em condições desumanas oficiais e oficiosos.

De modo análogo, a organização das sociedades em todo o mundo ainda está longe de refletir com clareza que as mulheres têm exatamente a mesma dignidade e idênticos direitos que os homens. As palavras dizem uma coisa, mas as decisões e a realidade gritam outra. Com efeito, “duplamente pobres são as mulheres que padecem



situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menores possibilidades de defender os seus direitos”.[20] (BERGOGLIO, 2020, item 23).

A questão racial ainda impera e traz danos sem tamanho à sociedade. Sou mulher, mas não sou negra. Ainda assim, por ser mãe de santo, notadamente do candomblé, sofro as consequências do racismo religioso. Mesmo assim, tenho a consciência de que os danos são imensamente amenizados quando comparados aos que sofrem as mães de santo pretas. Esse racismo massacra o povo preto. Trata-se do maior genocídio étnico e que perdura. Teima em não ser superado. Pelo contrário, é potencializado pelas elites globais e locais. Quando afirmo elites, claramente estou apontando para as potências econômicas. Sendo assim, entendo como o Papa que estamos em uma terceira guerra mundial, apenas observo que ela iniciou desde o fim da segunda.

As guerras, os atentados, as perseguições por motivos raciais ou religiosos e tantas afrontas contra a dignidade humana são julgados de maneira diferente, segundo convenham ou não a certos interesses fundamentalmente econômicos: o que é verdade quando convém a uma pessoa poderosa, deixa de o ser quando já não a beneficia. Estas situações de violência vão-se “multiplicando cruelmente em muitas regiões do mundo, a ponto de assumir os contornos daquela que se poderia chamar uma “terceira guerra mundial por pedaços”. [23] [...] Existem periferias que estão próximas de nós, no centro duma cidade ou na própria família. Também há um aspeto da abertura universal do amor que não é geográfico, mas existencial: a capacidade diária de alargar o meu círculo, chegar àqueles que espontaneamente não sinto como parte do meu mundo de interesses, embora se encontrem perto de mim. Por outro lado, cada irmã ou cada irmão que sofre, abandonado ou ignorado pela minha sociedade, é um forasteiro existencial, embora tenha nascido no mesmo país. Pode ser um cidadão com todos os documentos em ordem, mas fazem-no sentir como um estrangeiro na sua própria terra. O racismo é um vírus que muda facilmente e, em vez de desaparecer, dissimula-se mas está sempre à espreita (BERGOGLIO, 2020, itens 23 e 25).

De alguma maneira, ele propõe também a solução para o problema apresentado:

A verdadeira sabedoria pressupõe o encontro com a realidade. Hoje, porém, tudo se pode produzir, dissimular, modificar. Isto faz com que o encontro direto com as limitações da realidade se torne insuportável. Em consequência, implementa-se um mecanismo de “seleção”, criando-se o hábito de separar imediatamente o que gosto daquilo que não gosto, as coisas atraentes das desagradáveis. A mesma lógica preside à escolha das pessoas com quem se decide partilhar o mundo. Assim, as pessoas ou



situações que feriam a nossa sensibilidade ou nos causavam aversão, hoje são simplesmente eliminadas nas redes virtuais, construindo um círculo virtual que nos isola do mundo em que vivemos. [...] Esquece-se de que “não há alienação pior do que experimentar que não se tem raízes, não se pertence a ninguém. Uma terra será fecunda, um povo dará frutos e será capaz de gerar o amanhã apenas na medida em que dá vida a relações de pertença entre os seus membros, na medida em que cria laços de integração entre as gerações e as diferentes comunidades que o compõem, e ainda na medida em que quebra as espirais que obscurecem os sentidos, afastando-nos sempre uns dos outros”. [50] (BERGOGLIO, 2020, itens 47 e 53).

A saída proposta é o que vivenciamos no terreiro. Estabelecermos nossas raízes identitárias em nossa comunidade, exercitando uma visão solidária de mundo e de cooperação a partir do amor divino que emana do Orixá. Essa visão não pode ser alienada ou isolada do mundo. Afinal, o Orixá existe em tudo em que há vida. A partir dessa premissa, respeitando a diversidade e encontrando os meios de diálogo e ação pacíficos, agimos no mundo para diminuir as distâncias econômicas e sociais. Ou, dito na linguagem do santo, partilhar axé.

Essa partilha está com o outro, esse outro que não sou eu. Uma questão aparentemente óbvia, mas que tem profundas consequências para o pensar e agir no mundo pelo adepto ou adepta afro-brasileira. Só sabemos que estamos vivos porque temos Exu dentro de nós. E Exu nos ensina com sua *obé* (faca) qual *bará* (corpo) nos pertence e qual pertence ao outro. Daí nasce a alteridade. O divino permitiu a todas e todos ter a mesma potência espiritual, variando o destino de cada um conforme o *Ori* (cabeça<sup>3</sup>). Entender e compreender o outro nas suas qualidades é reconhecer as nossas potencialidades. Isso dialoga diretamente com a parábola do bom samaritano que a encíclica toma como base para justificar as ideias que constam nela. Daí é possível depreender:

Nas pessoas que passam ao largo, há um detalhe que não podemos ignorar: eram pessoas religiosas. Mais ainda, dedicavam-se a dar culto a Deus: um sacerdote e um levita. Isto é uma forte chamada de atenção: indica que o facto de crer em Deus e O adorar não é garantia de viver como agrada a Deus. Uma pessoa de fé pode não ser fiel a tudo o que essa mesma fé exige dela e, no entanto, sentir-se perto de Deus e julgar-se com mais dignidade do que os outros. Mas há maneiras de viver a fé que facilitam a abertura do coração aos irmãos, e esta será a garantia duma autêntica abertura a Deus. São João Crisóstomo expressou, com muita cla-

.....  
<sup>3</sup> A cabeça também pode ter o significado de mente ou destino para o candomblé (RIVAS NETO, 2014).





reza, este desafio que se apresenta aos cristãos: “Queres honrar o Corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm que vestir, nem O honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto lá fora O abandonas ao frio e à nudez”. [58] O paradoxo é que, às vezes, quantos dizem que não acreditam podem viver melhor a vontade de Deus do que os crentes (BERGOGLIO, 2020, item 74).

Consideradas as questões acima, cabe posicionar questões importantes concernentes à ética. Entendo, como meu pai de santo ensinou, que existem cinco pilares primordiais na experiência comunitária: espiritual/ético, cultural, social, político e econômico. De uma forma harmônica e ajustada, a sociedade deveria conviver entre os seus cidadãos nessa ordem e escala. Priorizando as questões éticas que moldam a cultura do povo. Essa cultura estabelece parâmetros importantes para o social que ordenam a política como agente das virtudes do povo. Essa, por sua vez, comanda a economia em busca de meios mais justos de prover a todos.

Infelizmente, a ordem que observamos ao longo da história é antinatural a isso. Em verdade, vai no sentido inverso. A economia controla a política, que, para manter os privilégios de grupos econômico, impõe dores profundas nas questões sociais. Essa, por sua vez, cria valores culturais falaciosos e contrários ao bem comum, como é o caso da meritocracia. Finalmente, a cultura de massa não cria espaço para valores éticos ou espirituais genuínos, atendendo à noção de felicidade, mas sim etiquetas (no sentido de pequena ética) para manter as desigualdades e misérias várias.

Nos primeiros séculos da fé cristã, vários sábios desenvolveram um sentido universal na sua reflexão sobre o destino comum dos bens criados. [91] Isto levou a pensar que, se alguém não tem o necessário para viver com dignidade, é porque outrem se está a apropriar do que lhe é devido. São João Crisóstomo resume isso, dizendo que, “não fazer os pobres participar dos próprios bens, é roubar e tirar-lhes a vida; não são nossos, mas deles, os bens que aferrolhamos”. [92] E São Gregório Magno di-lo assim: “Quando damos aos indigentes o que lhes é necessário, não oferecemos o que é nosso; limitamo-nos a restituir o que lhes pertence”. [93] (BERGOGLIO, 2020, item 119).

Retomando a lógica das religiões afro-brasileiras e, mais especificamente, o candomblé, o ato de viver a vida do santo, como dizemos em nossa linguagem êmica, vai de encontro ao que muitos praticam no mundo. E novamente somos taxados, marginalizados e vilipendiados por esse estilo de vida.



Nesta linha, com tristeza, volto a destacar que “vivemos já muito tempo na degradação moral, baldando-nos à ética, à bondade, à fé, à honestidade; chegou o momento de reconhecer que esta alegre superficialidade de pouco nos serviu. Uma tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses”. [86] Voltemos a promover o bem, para nós mesmos e para toda a humanidade, e assim caminharemos juntos para um crescimento genuíno e integral. Cada sociedade precisa de garantir a transmissão dos valores; caso contrário, transmitem-se o egoísmo, a violência, a corrupção nas suas diversas formas, a indiferença e, em última análise, uma vida fechada a toda a transcendência e entrincheirada nos interesses individuais [93] (Bergoglio, 2020, item 113).

A ética, pelo menos na perspectiva que aprendi no terreiro, enseja valores fundamentais como amizade. No velho adágio do candomblé, estamos vivos por dois motivos: fazer amigos e contar histórias. Essa é a verdadeira memória que se dinamiza com as relações que vão sendo (re)construídas ao longo de nossas existências. Dessa relação entre memória e experiência surgem, por exemplo, os espectros políticos de conservadores e progressistas.

O conservador entende que a memória que fora construída deve ser preservada em seus pilares quando o coletivo é preservado. O progressista entende que o mundo é coberto de incertezas e que as mudanças precisam acompanhar as demandas da vida e do tempo. Ambos pensamentos têm raízes na vida humana plena de realizações e felicidade. Visões mais extremadas tanto de um lado quanto do outro geram distorções que causam doenças sociais graves. A amizade de ideólogos diferentes tendo o interesse no bem comum, na coisa pública (*res publica*), enseja grandes avanços para a sociedade.

De igual forma quando conjugamos local e global, comunidades e pessoas diversas. Meu ponto é que, antes de amizade, urge o contato por meio do diálogo de ideias, sentimentos e ações efetivas. Dito de outra forma, acredito que, antes da amizade social, tão bem colocada pelo Papa, e trarei a citação dele na sequência sobre isso, cabe pensarmos na construção de pontes. Refiro-me a pontes de diálogo que permitam construir uma vida pautada no amor, uma sociedade genuinamente amorosa.

Ocorre lembrar que, “entre a globalização e a localização, também se gera uma tensão. É preciso prestar atenção à dimensão global para não cair numa mesquinha quotidianidade. Ao mesmo tempo convém não perder de vista o que é local, que nos faz caminhar com os pés por terra. As duas coisas unidas impedem de cair em algum destes dois extremos: o primeiro, que os cidadãos vivam num universalismo abstrato



e globalizante [...]; o outro extremo é que se transformem num museu folclórico de “eremitas” localistas, condenados a repetir sempre as mesmas coisas, incapazes de se deixar interpelar pelo que é diverso e de apreciar a beleza que Deus espalha fora das suas fronteiras”. [124] É preciso olhar para o global, que nos resgata da mesquinhez caseira. Quando a casa deixa de ser lar para se tornar confinamento, calabouço, resgata-nos o global, porque é como a causa final que nos atrai para a plenitude. Ao mesmo tempo temos de assumir intimamente o local, pois tem algo que o global não possui: ser fermento, enriquecer, colocar em marcha mecanismos de subsidiariedade. Portanto, a fraternidade universal e a amizade social dentro de cada sociedade são dois polos inseparáveis e ambos essenciais. Separá-los leva a uma deformação e a uma polarização nociva. [93] (BERGOGLIO, 2020, item 142).

É possível exercitar esse diálogo em diversos níveis e com várias aplicações. Tomando a política como exemplo: quando pautada por valores sociais dignos, humanizados, ensejará propostas econômicas viáveis e sustentáveis que não impedirão um desenvolvimento global, mas certamente evitarão as desigualdades várias. Para isso é necessário diálogo.

Mesmo saindo de um ponto de vista que muitos podem crer ser utópico, e a até certo ponto é, na vida política prática, a arte de aproximar o contraditório se faz premente e urgente. O sucesso desse processo estará em quanto o bem comum prevalecerá sobre o egoísmo dos privilegiados de alguns indivíduos em relação ao povo.

Para se tornar possível o desenvolvimento dum comunidade mundial capaz de realizar a fraternidade a partir de povos e nações que vivam a amizade social, é necessária a política melhor, a política colocada ao serviço do verdadeiro bem comum. Mas hoje, infelizmente, muitas vezes a política assume formas que dificultam o caminho para um mundo diferente [...]. A categoria de povo, que inclui intrinsecamente uma avaliação positiva dos vínculos comunitários e culturais, habitualmente é rejeitada pelas visões liberais individualistas, que consideram a sociedade como uma mera soma de interesses que coexistem. Falam de respeito pelas liberdades, mas sem a raiz dum narrativa comum. Em certos contextos, é frequente acusar como populistas quantos defendem os direitos dos mais frágeis da sociedade. Para as referidas visões, a categoria de povo é uma mitificação de algo que não existe na realidade. Aqui, porém, cria-se uma polarização desnecessária, pois nem a ideia de povo nem a de próximo são categorias puramente míticas ou românticas que excluam ou desprezem a organização social, a ciência e as instituições da sociedade civil. (BERGOGLIO, 2020, itens 154 e 163).



Sobre o diálogo, especificamente, é possível reconhecer uma profunda sinergia de ideias quando o que expus é cotejado com o exposto na encíclica:

Alguns tentam fugir da realidade, refugiando-se em mundos privados, enquanto outros a enfrentam com violência destrutiva, mas “entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível: o diálogo. O diálogo entre as gerações, o diálogo no povo, porque todos somos povo, a capacidade de dar e receber, permanecendo abertos à verdade. Um país cresce quando dialogam de modo construtivo as suas diversas riquezas culturais: a cultura popular, a cultura universitária, a cultura juvenil, a cultura artística e a cultura tecnológica, a cultura económica e a cultura da família, e a cultura dos meios de comunicação”. [196] [...]. A falta de diálogo supõe que ninguém, nos diferentes setores, está preocupado com o bem comum, mas com obter as vantagens que o poder lhe proporciona ou, na melhor das hipóteses, com impor o seu próprio modo de pensar. Assim a conversação reduzir-se-á a meras negociações para que cada um possa agarrar todo o poder e as maiores vantagens possíveis, sem uma busca conjunta que gere bem comum. Os heróis do futuro serão aqueles que souberem quebrar esta lógica morbosa e, ultrapassando as conveniências pessoais, decidam sustentar respeitosamente uma palavra densa de verdade. Queira Deus que estes heróis se estejam gerando silenciosamente no coração da nossa sociedade. (BERGOGLIO, 2020, itens 199 e 202).

Ao trazer o diálogo para o centro da presente carta, cabe ressaltar suas múltiplas formas de produção e troca. Normalmente é priorizado o diálogo no âmbito da razão, mas ressalto que a oralidade que marca a teologia afro-brasileira (RIVAS, 2020) e, naturalmente, o campo religioso enseja possibilidades da irracionalidade, do sentimento, e aqui entra a noção de amizade social tão bem explicitada pelo Santo Padre. O diálogo em bases racionais que permitam a troca de ideias contraditórias é excelente, mas limita a parcela do povo que não tem acesso a essa formação e premissas. Além de ensejar condições para todos e todas participarem na esfera pública dessa ampla e necessária discussão, faz-se necessário criar meios de inclusão, de modo que o afeto, a alteridade, a simpatia e o respeito são chaves fundamentais.

Numa sociedade pluralista, o diálogo é o caminho mais adequado para se chegar a reconhecer aquilo que sempre deve ser afirmado e respeitado e que ultrapassa o consenso ocasional. Falamos de um diálogo que precisa de ser enriquecido e iluminado por razões, por argumentos racionais, por uma variedade de perspectivas, por contribuições de diversos conhecimentos e pontos de vista, e que não exclui a convicção



de que é possível chegar a algumas verdades fundamentais que devem e deverão ser sempre defendidas. Aceitar que há alguns valores permanentes, embora nem sempre seja fácil reconhecê-los, confere solidez e estabilidade a uma ética social. Mesmo quando os reconhecemos e assumimos através do diálogo e do consenso, vemos que estes valores basilares estão para além de qualquer consenso, reconhecemo-los como valores transcendentais aos nossos contextos e nunca negociáveis. Poderá crescer a nossa compreensão do seu significado e importância – e, neste sentido, o consenso é uma realidade dinâmica –, mas, em si mesmos, são apreciados como estáveis pelo seu sentido intrínseco (BERGOGLIO, 2020, item 211).

Ao observar o outro em sua dinâmica racional e irracional, suas razões e emoções, o diálogo, na forma que proponho, calcada na percepção afro-brasileira, permite um despertar para a alteridade de forma efetiva. Passamos a nos encantar pelo outro em todas as suas nuances e características. O diferente ou diverso deixa de ser um gatilho do medo ou receio em relação ao desconhecido e passa a ser o combustível para estabelecer relações profícuas. A não imposição do que sou ou penso ao outro é libertador. Tanto para quem seria oprimido, quanto para aquele que abandona o lugar do opressor para ser um mediador. Logo, é possível depreender que a cultura de paz exige, antes de mais nada, a cultura do diálogo.

Isto implica o hábito de reconhecer, ao outro, o direito de ser ele próprio e de ser diferente. A partir deste reconhecimento feito cultura, torna-se possível a criação dum pacto social. Sem este reconhecimento, surgem maneiras subtis de fazer com que o outro perca todo o seu significado, se torne irrelevante, fazer com que na sociedade não lhe seja reconhecido qualquer valor. Por trás da repulsa de certas formas visíveis de violência, muitas vezes esconde-se outra violência mais dissimulada: a daqueles que desprezam o diferente, sobretudo quando as suas reivindicações prejudicam alguma maneira os próprios interesses (BERGOGLIO, 2020, item 218).

Uma vez colocada essa questão do diálogo, urge discutir a proposta de cultura de paz do Papa. Confesso que achei muito interessante ele citar em sua encíclica a expressão “arquitetura e o artesanato da paz” (BERGOGLIO, 2020), pois é exatamente assim que uma ação duradoura poderá prosperar. A paz não será alcançada pelo acaso ou por uma espera milagrosa da providência divina. Aliás, o divino já deu todas as ferramentas possíveis para que essa cultura se estabeleça: o amor. O amor que potencialmente reside em todos os nossos corações, mas que muitas vezes teima em expressar de forma plena ao mundo pelo mundo. Como temos muitas dificuldades de fazermos o simples enquanto sociedade, seja o “vós sois Deuses” do povo cristão



ou “todos nós somos Orixás” na visão do candomblé jeje-nagô<sup>4</sup> do qual pratico ao lado de inúmeras comunidades afro-brasileiras, precisamos lançar mão de outras ferramentas ofertadas pela deidade. Precisamos ter muito tirocínio para arquitetar a paz.

Novamente entra em jogo o diálogo na construção de pontes que viabilizem espaços de paz. Mas isso, por óbvio, não é suficiente, sendo necessário agir de forma objetiva na concretização desses mesmos espaços. E isso não será feito com tecnologia de inteligência artificial, algoritmos ou supercomputadores. Claro que esses componentes melhoram as nossas vidas hodiernamente, mas o agente dessa transformação é o ser humano. Um trabalho manufaturado, um verdadeiro artesanato de uma obra-prima delicada e duradoura. Uma tarefa que convida a apontar menos a responsabilidade do outro e assumir mais as suas responsabilidades diante da vida.

O percurso para a paz não implica homogeneizar a sociedade, mas permite-nos trabalhar juntos. Pode unir muitos nas pesquisas comuns, onde todos ganham. Perante um certo objetivo comum, poder-se-á contribuir com diferentes propostas técnicas, distintas experiências, e trabalhar em prol do bem comum. É preciso procurar identificar bem os problemas que atravessa uma sociedade, para aceitar que existem diferentes maneiras de encarar as dificuldades e resolvê-las. O caminho para uma melhor convivência implica sempre reconhecer a possibilidade de que o outro contribua com uma perspectiva legítima, pelo menos em parte, algo que possa ser recuperado, mesmo que se tenha equivocado ou tenha agido mal. Porque “o outro nunca há de ser circunscrito àquilo que pôde ter dito ou feito, mas deve ser considerado pela promessa que traz em si mesmo”, [212] uma promessa que deixa sempre um lampejo de esperança [ .]. A promoção da amizade social implica não só a aproximação entre grupos sociais distanciados a partir dum período conflituoso da história, mas também a busca dum renovado encontro com os setores mais pobres e vulneráveis. A paz “não é apenas ausência de guerra, mas o empenho incansável – especialmente daqueles que ocupamos um cargo de maior responsabilidade – de reconhecer, garantir e reconstruir concretamente a dignidade, tantas vezes esquecida ou ignorada, de irmãos nossos, para que possam sentir-se os principais protagonistas do destino da própria nação”. [220] (BERGOGLIO, 2020, itens 228 e 233).

.....  
<sup>4</sup> Assim como no cristianismo, existem muitas modalidades de candomblé. Os candomblés possuem três grandes grupos ou nações: keto, jeje e angola. O candomblé praticado por minha comunidade e milhares de outras bebe da fonte jeje e keto, formando a expressão “jeje-nagô” como forma identitária.



As religiões afro-brasileiras representam uma tradição profundamente conectada com a natureza, no sentido amplo, mas também a chamada *natura naturans*. Mais do que isso, o Orixá é a própria natureza, expressão viva desse sagrado que cultuamos. Portanto não fazemos oposição entre Deus e natureza como afirmado por Nietzsche (2014, p. 46-47), pelo contrário, reconhecemos que são categorias indissociáveis na perspectiva da teologia afro-brasileira.

Numa analogia, se pensarmos a cultura de paz como uma árvore frondosa, certamente suas flores e frutas são os elementos que mais almejamos. Contudo, ela precisa das folhas, dos galhos, do caule. Mas, principalmente, da raiz. Sem a raiz não é possível a árvore ficar em pé e, mais, manter-se viva.

A raiz da cultura de paz é certamente a memória. A memória pensada por nós não é linear, não se trata de simples lembrança do passado que ficou marcada em nossas mentes. A memória projeta futuro, portanto, faz destino. A primeira memória é divina, e como temos um panteão de deuses e deusas africanos, posso afirmar que, além de divina, ela é comunitária também. Acreditamos que todas as histórias do mundo podem ser representadas por narrativas míticas dos Orixás.

Nessas narrativas, chamadas por nós de itanifá,<sup>5</sup> existem brigas, ajustes, momentos de alegria e felicidade, desgraça, atividades cotidianas, feitos heroicos. Ao apreender essas histórias, essas memórias ancestrais, somos influenciados em como potencializar nosso destino com grandes realizações e afastar as possibilidades ruins. Essa ação se dá do ponto de vista individual e social, mas também espiritual por meio da magia.

Assim acreditamos nas religiões afro-brasileiras de uma forma geral, respeitando a diversidade e as cosmovisões distintas dentro do seio da nossa tradição. A magia no sentido de transformar realidades é um instrumento decisivo, mas que só pode ser aplicado em cima da memória, daquilo que foi estabelecido com o passar dos tempos. Assim, nossa história é vista pelo prisma da circularidade, ou melhor, de forma espiralar. Até porque sempre que vivenciamos a mesma memória outra vez já não somos mais os mesmos ou as mesmas, ainda que a experiência aparentemente seja igual.

Um Orixá importante em nosso panteão é Oxalá, muitas vezes confundido ou sincretizado com Jesus por algumas tradições afro-brasileiras e mesmo praticantes de outras confessionalidades. Uma de suas qualidades, ou seja, uma de suas manifestações, é Oxalufá, o Velho Sábio

.....

<sup>5</sup> Historietas do Orixá Orunmilá Ifá, responsável, entre outras coisas, pelo destino dos seres.



criador do mundo. Uma marca fundamental em Oxalufã é que ele não se esquece de nada que acontece e age no mundo de forma lenta, vagarosa . Mas sempre consegue o que pretende, não raras vezes surpreendendo pela capacidade de transformação.

Esse poderoso Orixá, símbolo máximo do amor por todos nós, nos ensina a não esquecer ao mesmo tempo em que devemos sempre agir, nunca ficar parados. Oxalufã nos ensina a arquitetar a cultura de paz por meio da memória e sermos artesãos ou artesãs dela na ação contínua independentemente da sua morosidade, desde que nunca esteja parada para viver a vida em sua plenitude. Portanto, é para Oxalufã que sempre pedimos misericórdia, mas somos sabedoras de que seu perdão nunca omite o erro. Ele perdoa, mas não esquece. Dito de outra forma, ele muda, mas nunca deixa de ser quem Ele é. Um aparente paradoxo que encerra uma sabedoria africana milenar.

A memória [...] 249. Hoje é fácil cair na tentação de voltar página, dizendo que já passou muito tempo e é preciso olhar para diante. Isso não, por amor de Deus! Sem memória, nunca se avança; não se evolui sem uma memória íntegra e luminosa. Precisamos de manter “viva a chama da consciência coletiva, testemunhando às sucessivas gerações o horror daquilo que aconteceu”, que assim “aviva e preserva a memória das vítimas, para que a consciência humana se torne cada vez mais forte contra toda a vontade de domínio e destruição”. [234] Precisam disso as próprias vítimas – indivíduos, grupos sociais ou nações – para não cederem à lógica que leva a justificar a represália e qualquer violência em nome do mal imenso que sofreram. Por isso, não me refiro só à memória dos horrores, mas também à recordação daqueles que, no meio dum contexto envenenado e corrupto, foram capazes de recuperar a dignidade e, com pequenos ou grandes gestos, optaram pela solidariedade, o perdão, a fraternidade. É muito salutar fazer memória do bem. Perdão sem esquecimentos 250. O perdão não implica esquecimento. Antes, mesmo que haja algo que de forma alguma pode ser negado, relativizado ou dissimulado, todavia podemos perdoar. Mesmo que haja algo que jamais deve ser tolerado, justificado ou desculpado, todavia podemos perdoar. Mesmo quando houver algo que por nenhum motivo devemos permitir-nos esquecer, todavia podemos perdoar. O perdão livre e sincero é uma grandeza que reflete a imensidão do perdão divino. Se o perdão é gratuito, então pode-se perdoar até a quem resiste ao arrependimento e é incapaz de pedir perdão (BERGOGLIO, 2020, itens 249-250).

A última parte da encíclica do Papa aponta para possibilidades que as religiões podem oferecer e gostaria de destacar os trechos abaixo:





As várias religiões, ao partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade. O diálogo entre pessoas de diferentes religiões não se faz apenas por diplomacia, amabilidade ou tolerância. Como ensinaram os bispos da Índia, “o objetivo do diálogo é estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor”. [259] Por estas razões, embora a Igreja respeite a autonomia da política, não relega a sua própria missão para a esfera do privado. Pelo contrário, não pode nem deve ficar à margem na construção de um mundo melhor nem deixar de “despertar as forças espirituais” [266] que possam fecundar toda a vida social. É verdade que os ministros da religião não devem fazer política partidária, própria dos leigos, mas mesmo eles não podem renunciar à dimensão política da existência [267] que implica uma atenção constante ao bem comum e a preocupação pelo desenvolvimento humano integral. A Igreja “tem um papel público que não se esgota nas suas atividades de assistência ou de educação”, mas busca a “promoção do homem e da fraternidade universal”. [268] Não pretende disputar poderes terrenos, mas oferecer-se como “uma família entre as famílias – a Igreja é isto –, disponível [...] para testemunhar ao mundo de hoje a fé, a esperança e o amor ao Senhor mas também àqueles que Ele ama com predileção. Uma casa com as portas abertas. A Igreja é uma casa com as portas abertas, porque é mãe”. [269] E como Maria, a Mãe de Jesus, “queremos ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos, que sai das suas sacristias, para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade [...] para lançar pontes, abater muros, semear reconciliação”. [270] Religião e violência [...]. Às vezes, a violência fundamentalista desencadeia-se em alguns grupos de qualquer religião pela imprudência dos seus líderes. Mas “o mandamento da paz está inscrito nas profundezas das tradições religiosas que nós representamos. [...] Nós, líderes religiosos, somos chamados a ser verdadeiros “dialogantes”, a agir na construção da paz, e não como intermediários, mas como mediadores autênticos. Os intermediários procuram contentar todas as partes, com a finalidade de obter um lucro para si mesmos. O mediador, ao contrário, é aquele que nada reserva para si próprio, mas que se dedica generosamente, até se consumir, consciente de que o único lucro é a paz. Cada um de nós é chamado a ser um artífice da paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio em vez de o conservar, abrindo caminhos de diálogo em vez de erguer novos muros”. [283] Neste espaço de reflexão sobre a fraternidade universal, senti-me motivado especialmente por São Francisco



de Assis e também por outros irmãos que não são católicos: Martin Luther King, Desmond Tutu, Mahatma Mohandas Gandhi e muitos outros. Mas quero terminar lembrando uma outra pessoa de profunda fé, que, a partir da sua intensa experiência de Deus, realizou um caminho de transformação até se sentir irmão de todos. Refiro-me ao Beato Carlos de Foucauld (BERGOGLIO, 2020, itens 271, 276, 284 e 286).

As palavras do Santo Padre são, de fato, um alento para nós das religiões afro-brasileiras. Proferi-las reforçam por meio do diálogo inter-religioso a possibilidade de buscarmos um bem comum calcado na ética, na espiritualidade que sempre procura atender a todos independentemente de suas características, mas sempre respeitando a diversidade inerente à nossa sociedade. Temos, pais e mães de santo, um compromisso inabalável com nossos genitores divinos e ele se expressa no espelho de como tratamos nossos filhos ou filhas de santo. De como atendemos aqueles que batem à porta dos nossos terreiros em busca de ajuda das mais diferentes necessidades. Creio que ao atuar nesse meio e dessa forma estamos indo ao encontro dos anseios do que se espera da religião na esfera privada.

Na esfera pública reforçamos nosso compromisso com a laicidade. Numa sociedade democrática, as liberdades devem ser expandidas ao máximo, desde que cada um assuma as responsabilidades de seus atos. Sendo assim, religião alguma, inclusive a minha, deve impor regras e normas para a sociedade. Isso não quer dizer que não devemos participar do debate público, argumentar com ideias possíveis de serem compreendidas por outras pessoas (alteridade) os caminhos para uma sociedade mais justa e igualitária que reconhece e fortalece a diversidade.

O melhor argumento certamente é o exemplo vivo meu, de minhas pares, das diversas comunidades de terreiro. Os séculos de preconceito, racismo, misoginia que as tradições afro-brasileiras sofreram foram combatidos, no mais das vezes, de forma pacífica. Devemos continuar nossa resistência e militância nesse sentido, mas nunca usando das mesmas armas daqueles que nos atacam. Isso não pode ser motivo para nos calarmos ou deixar escondida nossa indignação. Pelo contrário, isso tem de ser combustível para acelerarmos as mudanças na sociedade, no jeito de Oxalufã. Sendo os mediadores que lançam mão do diálogo como construtor de uma sociedade mais amorosa e justa.

## Referências

BERGOGLIO, J. M. Carta encíclica *fratelli tutti* do santo padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html#\\_ftn1](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html#_ftn1)>. Acesso em: 2 dez. 2020.



- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 36. ed. Rio de Janeiro: Edições de Paz e Terra, 2003.
- NIETZSCHE, F. W. *O anticristo*. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- RIVAS, M. E. Entre teologias e preconceitos. *Estudos Afro-Brasileiros*, v. 1, n. 1, p. 57-84, 14 maio 2020.
- RIVAS NETO, F. *Escolas das religiões afro-brasileiras: tradição oral e diversidade*. São Paulo: Arché, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Teologia do Ori-Bará*. São Paulo: Arché, 2014.

Recebido em: 06/12/20

Aprovado em: 12/12/20

## Dados da autora

Graduada em teologia pela FTU, Mestre e doutora em Ciência da Religião pela PUC-SP, Editora da Revista Estudos afro-brasileiros, sacerdotiza e dirigente da Ordem Iniciática do Cruzeiro do Sul.